*Força representativa e sentimento vital*

Os graus da força representativa

a) sono;

b) sonho;

c) animal;

d) os sentidos;

e) jogo, riso e música;

f) juízo estético;

g) espírito ou gênio.

a) Sono

Immanuel Kant, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, São Paulo: Iluminuras, 2006, § 31, p. 74.

O jogo que a fantasia joga com o homem dormindo é o sonho, e também se dá em estado saudável; revela, ao contrário, um estado doentio se ocorre quando se está acordado. – O sono, como relaxamento de toda faculdade de percepção externa e principalmente de movimentos voluntários, parece necessário a todos animais, mesmo às plantas (segundo a analogia destas com os primeiros), para recobrar as forças utilizadas quando se está acordado; mas isso mesmo parece ser também o que ocorre com os sonhos, de modo que, se no sono a força vital não fosse mantida ativa por sonhos, ela teria de se extinguir e o sono mais profundo implicaria simultaneamente a morte. – Quando se diz ter tido um sono pesado, sem sonhos, isso nada mais é que não se recordar destes ao despertar, o que pode ocorrer também a alguém acordado, caso as imagens mudem rapidamente, a saber, quando está distraído, e, à pergunta sobre o que está pensado agora com o olhar momentaneamente fixo num mesmo ponto, ele responde: “Eu não estava pensando em nada”.

b) Sonho

Immanuel Kant, *Antropologia Collins*

O verdadeiro sonho pressupõe o sono, o sonho confina com o sono e com a vigília. Se toda comunidade com os sentidos está suprimida, então também o sonho cessa. O indivíduo sonha quando dorme levemente e, principalmente, pela manhã. Se alguém fez uma ceia pesada, que o impede de pegar no sono, ele sonha a noite toda. As imagens no sono se conectam no sono tal como estavam associadas na vigília. O sonho se desenvolve na vigília segundo as regras da imaginação, ele é uma cadeia de imaginações, na qual uma puxa a outra, como nas conversas em sociedade. O começo se dá pelas sensações sensíveis, e prossegue com a continuação dessa sequência. As imaginações na vigília e no sono são diferentes pela força. Começamos a sonhar no estado de adormecimento [*in schlummerndem Zustande*], pois nele as sensações estão embotadas. Quando as imaginações no sono leve são tão fortes como as da vigília, misturamos umas às outras e sonhamos. Por exemplo, no sono leve o canto de um galo me parece a voz de um homem que está bem longe de mim, e assim a série prossegue. Também se podem, por isso, provocar sonhos em alguém. Por exemplo, alguém vê um outro dormindo com a cabeça na parede e com a boca aberta, pega uma esponja e seca a boca do dormente: este logo se levanta um pouco e depois mais e mais e, então, movimenta os membros como se quisesse nadar até que por fim desperta. Quando não se quer sonhar, é preciso procurar dormir profundamente, indo para a cama antes de estar sonolento. O sono breve e profundo é o que mais sustém e fortalece; o sono e o sonho ruins fatigam. Deve-se, por isso, evitar tudo o que impede o sono. A soneca não é boa de modo algum, ela é tudo, menos descanso. No sonho, as sensações esmorecem, e o indivíduo tem um corpo imaginado: se crê que está correndo, ele corre involuntariamente etc.

Christian Wolff, *Psychologia empírica*, § 123.

Todo início do sonho começa pela sensação e continua pela sucessão de *phantasmata*. Portanto, quando sonhamos, imaginamos algumas coisas (§ 122), consequentemente a alma produz *phantasmata* (§ 93). Com efeito, sem prévia sensação nenhum *phantasma* pode surgir na alma. Portanto, nem o sonho pode surgir sem prévia sensação, consequentemente ele tem início em alguma sensação.

Porque, de fato, aquelas coisas que percebemos enquanto sonhamos, nós as imaginamos (§ 122); a alma produz continuamente outros *phantasmata* (§ 93), consequentemente o sonho continua por sucessão de *phantasmata*.

[Cf. também Christian Wolff, *Psychologia rationalis*, § 189 e segs.]

c) Animais

Wolff, Christian *Metafísica alemã*, § 794

Por sua vez, como a clareza e distinção das sensações provoca que sejamos conscientes de nós e daquilo que sentimos, também podemos compreender que os animais têm de ser conscientes de si e daquilo que sentem, isto é, um animal sabe que vê ou ouve ou sente etc. Pois os animais têm tais membros dos sentidos, como os homens. Por isso, os corpos, por exemplo, se pintam nos seus olhos exatamente como nos olhos dos homens. Ora, como essas imagens têm clareza e distinção, também tem de haver clareza e distinção nas suas sensações. E, por conseguinte, os animais são conscientes de si e daquilo que sentem.”

d) os sentidos

Immanuel Kant, *Antropologia Pragmática*

- § 18. Da audição

- “Esses três sentidos...” (p. 55)

- Nota geral sobre os sentidos externos § 21, p. 56 e segs.

Immanuel Kant, *Antropologia Collins*

Sensação é comoção sobre nossos órgãos; fenômeno é a representação da causa da sensação, de um objeto que produziu a sensação em mim. Ora prevalece a sensação, ora o fenômeno. Se ouço uma música ou alguém falar, presto mais atenção ao fenômeno do que à sensação. Se, porém, o grito é tão forte que me doem os ouvidos, atento mais à sensação do que reflito sobre o fenômeno. Na maioria dos sentidos ocorre que, como se é muito pouco modificado, acredita-se que não se é de modo algum afetado. Reflete-se mais sobre os objetos do que sobre a modificação nos órgãos. Se, no entanto, a modificação é forte, a reflexão cessa de novo. Se alguém experimenta algo do suco de limão, a impressão é tal que ele reflete que é ácida, mas com óleo de vitríolo [ácido sulfúrico] ele só sente a dor. – A força da representação reside no grau da sensação, a sua clareza, no fenômeno, na medida em que presto atenção a muita coisa.

e) jogo, riso e música

*Crítica do juízo*, § 51, pp. 353-354;

Idem, § 54, p. 359.

f) juízo estético

Crítica do juízo, § 1.

g) espírito ou gênio

Immanuel Kant, Rx. 567, AA, XV, p. 246.

Porque tudo o que estimula ou aumenta o sentimento da vida apraz, ele toca ou a vida animal, ou a vida humana ou a vida espiritual. No primeiro caso, ele apraz pela sensação, no segundo, pela intuição, no terceiro, pelo conceito. Aumenta ou estimula o sentimento da vida tudo aquilo que favorece a atividade e o uso de suas forças, tanto daqueles que conhecem, como daqueles que executam. A suficiência do arbítrio livre é a vida plena.

Sobre os traços leibnizianos da teoria do gênio em Kant, cf. Manuel Sánchez Rodríguez, “La influencia del leibnicianismo em la génesis de la teoria del gênio de Kant. El *Geist* como fuerza básica”. In: *Leibniz en la filosofia y en la ciencia modernas*.

Acessível em http://www.ugr.es/~msr/arc/2010b.pdf